

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

**A PERSPECTIVA DO JOVEM ALTERNANTE DA CASA FAMILIAR RURAL DE
CORONEL VIVIDA – PR EM RELAÇÃO AO SISTEMA DA ALTERNÂNCIA –
FACILIDADES E DIFICULDADES**

MATINHOS

2014

ANDREIA APARECIDA DETOGNI

**A PERSPECTIVA DO JOVEM ALTERNANTE DA CASA FAMILIAR RURAL DE
CORONEL VIVIDA – PR EM RELAÇÃO AO SISTEMA DA ALTERNÂNCIA –
FACILIDADES E DIFICULDADES**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Silvana Cássia Hoeller

MATINHOS

2014

A perspectiva do jovem alternante da Casa Familiar Rural de Coronel Vivida – PR em relação ao sistema da alternância – facilidades e dificuldades

Autora: Andreia Aparecida Detogni

Especialista em Educação do Campo

E-mail: andreiadeto@seed.pr.gov.br

UFPR/UAB

Orientadora: Silvana Cássia Hoeller

Me. Em Agronomia

E-mail: silvanano@ufpr.br

UFPR

Resumo

Esta pesquisa realiza uma análise sobre o perfil do jovem alternante da terceira série do curso técnico em alimentos da Casa Familiar Rural do município de Coronel Vivida – PR, constatando as facilidades e possíveis dificuldades encontradas por ele durante este percurso enquanto aluno desta pedagogia de movimento, a fim de diagnosticar possíveis dificuldades, indicando prováveis caminhos que possam vir a tornar a prática da pedagogia da alternância mais eficaz.

Palavras-chave

Educação do Campo; Jovem Alternante; Pedagogia da Alternância.

Abstract

This research makes an analysis on the profile of young alternating the third series of the technical course in food Rural Family House municipality of Coronel Vivida - PR, noting the facilities and possible difficulties encountered by him during this journey as a student of pedagogy movement in order to diagnose possible problems, indicating probable paths which may make the practice of pedagogy most effective alternation.

Keywords

Rural Education; Young Alternating; Pedagogy of Alternation.

1 Pós-Graduanda do Curso de Especialização de Pós Graduação *lato sensu* em **Educação do Campo**, ofertado pela UFPR/UAB – Pólo de Pato Branco-PR

2 Professora efetiva da Universidade Federal do Paraná

1- Introdução

O presente trabalho de pesquisa teve como objetivos analisar o perfil dos jovens alternantes da 3ª série do ensino médio matriculados no curso de Técnico em Alimentos, da Casa Familiar Rural, e se eles têm encontrado dificuldades quando da aplicação prática nas propriedades rurais familiares. A pesquisa teve início com o referencial teórico embasado em diversos autores, como Miguel Arroyo, Roseli Caldart e Jean – Claude Gimonet onde, por meio de livros, periódicos e artigos buscou-se o entendimento, sobre a concepção de pedagogia da alternância, educação do campo, e casas familiares rurais. Para a coleta de dados com os jovens alternantes o instrumento escolhido foi o questionário com perguntas fechadas e abertas a fim de possibilitar aos alunos envolvidos a opção de responder e, quando necessário, acrescentar algo que considerassem pertinente para sua resposta, complementando alguns dados do próprio instrumento. O desenvolvimento expõe uma análise do questionário aplicado, observando quem são os alunos matriculados na 3ª série da Casa Familiar Rural, e as possíveis facilidades e/ou dificuldades encontradas por eles nesse percurso. Por fim a conclusão, tendo como base os autores acima citados e o resultado da análise dos questionários.

2 - Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Analisar o perfil do jovem alternante da 3ª série do curso técnico em alimentos da Casa Familiar Rural de Coronel Vivida – PR, constatando as facilidades e possíveis dificuldades encontradas por ele, no seu percurso enquanto aluno da pedagogia da alternância.

3- Pressupostos Teóricos

3.1 Educação do Campo: Uma Pedagogia em Movimento

A pedagogia da alternância é uma proposta de educação voltada ao desenvolvimento integral do jovem do campo que alterna períodos na instituição de ensino e períodos em que o jovem alternante passa em sua residência, aplicando os conhecimentos adquiridos durante as aulas. Contribui para a elevação da autoestima dos jovens alternantes e também para o resgate cultural das famílias, propiciando um estudo que vise à educação integral desses sujeitos,

contemplando o envolvimento também de sua família neste processo (GNOATTO, et all, 2006), levando em conta os conhecimentos que estes trazem. Trata-se de considerar o alternante e sua família em todos os contextos:

(...) a alternância, enquanto princípio pedagógico, vai além de meras sucessões de tempos e espaços porque “visa desenvolver na formação dos jovens situações em que o mundo escolar se posiciona em interação com o mundo que o rodeia”. A pedagogia da alternância enfatiza a participação das famílias e das comunidades na condução do projeto pedagógico e na própria gestão da escola. Portanto, trata-se mais do que uma simples modalidade de organização da escolarização que alterna tempos e espaços para favorecer o ajuste do calendário escolar ao calendário agrícola no contexto da educação do campo. Na verdade, consiste em uma pedagogia que se sustenta na concepção de que a formação resulta de um processo interativo entre o sujeito e os seus contextos: familiar, profissional, político, cultural, escolar, etc., processo esse mediado pelo conhecimento acumulado historicamente. (TEIXEIRA e ANTUNES, 2011, p. 955)

A pedagogia da alternância teve sua origem na França no ano de 1935 a partir da insatisfação de um grupo de famílias do campo com o então sistema educacional do país. O grupo reivindicava uma educação que atendesse às particularidades dos jovens do campo e que além da profissionalização, propusesse elementos para o desenvolvimento social e econômico da região (TEIXEIRA, et all, 2008). O surgimento da pedagogia da alternância foi uma soma conjunta de esforços que almejava para a região na qual aquelas famílias viviam um sistema de ensino voltado as suas particularidades e que os reconhecesse como sujeitos, valorizando sua cultura e reconhecendo sua história:

Foi criado por iniciativa de um grupo de famílias residentes do meio rural, que propunham uma formação profissional aliada a uma educação humana para seus filhos. Atualmente, este projeto está presente nos cinco continentes e em trinta países, com uma mesma concepção: a responsabilidade e o entrosamento das famílias na formação dos jovens, no sentido de provocar o desenvolvimento global de seu meio.

No Brasil, este projeto educacional para o meio rural, surgiu em 1968, no Estado do Espírito Santo, em vários municípios (...), com o intuito de resolver, através de uma educação voltada mais especificamente para crianças e jovens, os problemas da ignorância e da pobreza da comunidade rural extremamente carente e excluída pela sociedade, empregando uma pedagogia adequada à realidade deles, preservando a identidade cultural destas crianças. (GNOATTO, et all, 2006, p. 06)

O sistema de alternância é criado, portanto, com o intuito de possibilitar um ensino que supere as necessidades sociais e também históricas da comunidade, diminuindo com isso o êxodo, favorecendo o desenvolvimento do campo, levando

em conta a identidade de seus jovens, suas experiências e estilo de vida. (NASCIMENTO, 2009).

É neste parâmetro que vemos o surgimento da pedagogia da alternância, como sendo uma proposta das Casas Familiares Rurais no Estado do Paraná no ano de 1989 no município de Barracão, expandindo-se em outras cidades do Estado e também nos outros dois Estados do Sul a partir do ano de 1991, como um espaço destinado para qualificar os jovens do campo e oferecer alternativas de renda e trabalho, para que os mesmos permaneçam e com isso beneficiem a si e também a própria região. Segundo informações do próprio site da Arcafar – Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil, hoje existem quarenta e duas Casas Familiares Rurais no Paraná, e estas são definidas como sendo:

(...) um local dentro do município ou dentro de uma região destinado a formação técnica, humana e gerencial dos jovens do meio rural e pesqueiro. A Casa Familiar permite que as pessoas se qualifiquem e possam adaptar-se a evolução da profissão em conjunto com a sua família e comunidade onde vivem. O Modelo de Educação das Casas Familiares Rurais tem como objetivo promover uma educação, formação e profissionalização alternativa eficaz e concreta mais apropriada à realidade do campo. Visa, com isso, incentivar a permanência do jovem na sua própria região, criando alternativas de trabalho e renda, numa perspectiva da Economia Solidária. (www.arcafarsul.org.br; acesso em 08-06-12)

Essa perspectiva definida pela Arcafar Sul sugere pensar que a Casa Familiar Rural deve contribuir com os membros da comunidade a qual representa, inspirando a cultura local, a consciência política e o bem estar de todos. A concretização desta consciência será possível diante de mudanças conceituais representativas, adotando interações que compreendam o aluno do campo como sujeito de seu aprendizado, posicionando-se de maneira crítica e ativa diante das decisões que envolvam sua vida quanto ao caráter profissional, econômico e de cidadania, a fim de fortalecer a identidade e autonomia das famílias do campo, mostrando a toda a população que não deve haver divisões hierárquicas, mas sim o convívio de interação e complemento, pois o campo necessita da cidade, e a cidade necessita do campo.

As finalidades da pedagogia da alternância são de acordo com Gimonet:

(...)de um lado, a formação integral da pessoa, a educação e, de maneira concomitante, a orientação e a inserção socioprofissional; de outro lado,

a contribuição ao desenvolvimento do território onde está sendo implantado o CEFFA. (GIMONET, 2007, p.28-29)

Para que isso aconteça, é fundamental que se identifique quem são os sujeitos deste processo, sua relação com o campo, bem como suas características sociais, econômicas e históricas.

Para compreender a complexidade que o sistema da alternância representa, se faz necessário considerar os diversos elementos que a compõe, caracterizando a cada um, buscando a compreensão e a sua influência nesta prática. Entre estes elementos constitutivos, estão os sujeitos desta formação: os jovens alternantes, e a compreensão deste grupo não será possível sem considerar a experiência que cada um traz.

Por décadas criou-se um fetiche em relação ao campo e a sua população o que os deixava a parte da sociedade como se o campo fosse um local inferior e de atraso, alimentando a visão de que a zona urbana é o local estabelecido para o progresso da sociedade. Essa visão majoritária alimentou durante um longo período um ensino incompatível com a realidade do aluno do campo. Ainda que lentamente esse quadro começou a ser repensado com a aprovação e vigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 93.94/96 que em seu artigo de número 28 propõe medidas de adequação da escola a vida no campo, o que não fora abordado anteriormente:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (LDB 93.34/96, p. 13)

O sistema da alternância traz a competência de possibilitar este ensino integrador, articulando e associando saberes, sem reduzir os campos de conhecimento. A pedagogia da alternância luta contra os programas escolares que não levam em conta a realidade de seus alunos, reduzindo as disciplinas a práticas isoladas sem qualquer relação possível entre elas. A pedagogia da alternância procura interligar estes conhecimentos, os contextualizando e unificando. (GIMONET, 2007).

Não será possível obter sucesso com esta prática se não houver a preocupação com o desenvolvimento pessoal e social destes sujeitos. Para tanto, é necessário que a mesma se desenvolva dentro da pertinência de:

(...)un plan de formación específico orientado precisamente el proyecto profesional de cada beneficiario, favorecen la sostenibilidad de las áreas rurales y el equilibrio territorial en la medida en que contribuyen a la permanencia de jóvenes adecuadamente formados en el territorio. (MARIRRODRIGA, 2009, p. 181)

Para que isso aconteça é necessário fazer do processo de ensino uma prática que não divida o trabalho manual do trabalho intelectual, desarticulando e fazendo dele uma prática aleatória. São o contato com o conhecimento que será oportunizado as transformações sociais. É necessário transpor o sistema que acentua nas escolas a formação do trabalhador braçal e deixa em segundo plano o exercício da reflexão. É necessário romper o conceito tradicionalista que enfatiza a apropriação mecânica de conteúdos, não colaborando para sua compreensão do mundo. E deste modo, o trabalho que deveria enriquecer o homem, fornecendo-lhe subsídios para a vida, acaba fazendo com que a humanidade trabalhe por algo que mecaniza sua sobrevivência: ele criava e produzia, agora, passa a reproduzir o que por vezes outros homens criam e impõe. Pode-se afirmar que este ciclo em que o trabalho é um meio de vida e não mais vida, mecaniza o processo produtivo, e conseqüentemente trabalhar torna-se um esforço simbólico, e não mais uma função orgânica, socialmente útil.

É da concepção da relação trabalho/educação que emerge a possibilidade de formação omnilateral. Na perspectiva marxista, o trabalho como base da educação não oculta ou anula a formação intelectual, artística, lúdica, corporal; antes é base para seu pleno desenvolvimento. A unidade entre saber e fazer é que funda a educação omnilateral, o desenvolvimento das múltiplas potencialidades humanas hoje sufocadas. (DALMAGRO, S. L, 2011, p. 48 – 49).

Trata-se de articular educação e trabalho de modo a substituir no alternante o caráter de unilateralidade e divisão, estabelecendo uma proposta que vise o desenvolvimento integral de todos, na qual a escola não se prepara para a vida, antes, está conectada a vida, superando assim o trabalho alienado, resultado da separação entre o trabalho manual e intelectual. Quando o homem se relaciona com a natureza cria algo novo a partir dos conhecimentos e experiências que já possui, e é modificando a natureza externa que modifica sua natureza interior, desenvolvendo suas potencialidades.

Partindo desta premissa temos a concepção de educação do campo assim exposta por Caldart:

A Educação do Campo nasceu tomando posição no confronto de projetos de campo: contra a lógica do campo como lugar de negócio, que expulsa as famílias, que não precisa de educação nem de escolas porque precisa cada vez menos de gente (...). Nasceu como crítica à realidade educacional da população que vive do trabalho do campo e tomando posição no confronto de projetos de educação: contra uma visão instrumentalizadora da educação, colocada a serviço das demandas de um determinado modelo de desenvolvimento do campo (que sempre dominou a chamada “educação rural”), a afirmação da educação como formação humana, omnilateral e de perspectiva emancipatória, vinculada a projetos históricos, de longo prazo.
(CALDART, 2010, p. 25 – 26)

A intenção da educação do campo, sobre o viés da alternância, é de enquanto movimento social, proporcionar aos sujeitos que dela fazem parte um ensino que embora inserido em um sistema de exclusão, alimenta a concepção e luta por uma prática que humanize o homem, à medida que ele integra-se a sociedade de modo participativo e consciente. O trabalho não deve ser um meio de satisfação externa, onde o indivíduo ligado à determinada atividade não usufrui dos benefícios trazidos pela mesma, antes, deve ser por si só um meio de satisfação imediata para quem o desenvolve.

É em meio a lutas e conquistas que se encontra o sujeito do campo, inserido em um contexto de lutas sociais, lutando por políticas públicas que garantam o seu direito a uma escola do campo, no campo. A professora e pesquisadora Mônica Castagna Molina define o campo como sendo:

(...) um território de produção de vida; de produção de novas relações sociais; de novas relações entre os homens e a natureza; entre o rural e o urbano. O campo é um território de produção de história e cultura, de luta de resistência dos sujeitos que ali vivem.

(MOLINA, 2006, p. 8)

Não é suficiente oferecer escolas urbanas para alunos do campo, antes, é um meio de desvalorização do meio rural, e de barateamento da educação e da qualidade do ensino, isso porque um ensino distante do campo, facilitará o esquecimento da realidade e cultura rural, também favorecendo para que estes alunos procurem viver na zona urbana. É necessário olhar para as escolas concebidas para os alunos do campo como um direito, e não um favor, escolas que se importem em ensinar esses jovens de modo que venham a se organizar e agir, assumindo a condição de sujeitos de seu destino.

Roseli Caldart assim define os sujeitos do campo:

Sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente; sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária, sujeitos da luta por melhores condições de trabalho no campo (...) esta é a materialidade que conforma nossa identidade. E talvez seja este o sentido da expressão do campo que às vezes assusta, e torna tão difícil para alguns grupos aceitar que a nossa educação é do campo e não apenas do ou para o meio rural...

(CALDART, 2006, p. 20)

Há no campo uma infinidade de representações, sejam elas culturais, sociais, ou de etnia. A verdade é que por mais que existam grupos diferentes somos todos, parte de um único povo, sendo assim, cada um com suas particularidades, usando de suas potencialidades deve lutar por uma causa em comum:

Em relação aos jovens, vale salientar que o conceito de “juventude” é elaborado por representações simbólicas partindo do próprio grupo social ou mesmo de outros grupos, dando com isso significado a atitudes e comportamentos. Outros elementos também interferem na formação da concepção de juventude, como por exemplo, sua procedência sócio geográfica, etnia, cor, classe social, religião entre outros. O aluno do campo, mais precisamente o aluno do sistema da alternância, sobretudo das casas familiares rurais está inserido em uma pedagogia de ação, resta saber se ele está consciente de seu papel diante da sociedade, e antes disso, diante de sua própria existência.

4- Pressupostos Metodológicos

O presente trabalho foi realizado tendo por base uma abordagem qualitativa de pesquisa, considerando-se que a investigação se refere ao estudo de um fenômeno social complexo e dinâmico – a educação, e seu objetivo foi o de compreender, nesse contexto, o perfil do jovem alternante da 3^o série do curso técnico em alimentos da Casa Familiar Rural de Coronel Vivida – PR, constatando as facilidades e possíveis dificuldades encontradas por ele no seu percurso na pedagogia da alternância.

A escolha do tema da pesquisa surgiu do meu interesse de compreender a pedagogia da alternância, e mais precisamente em saber como acontece sua prática na cidade de Coronel Vivida – PR por meio da Casa Familiar Rural. Há também a intenção de continuar esta pesquisa aprofundando-se no sistema da

alternância, mais precisamente na identidade dos jovens alternantes, e da participação de seus familiares na prática de ensino.

O referencial teórico “desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44) buscou apresentar dados históricos sobre a educação do campo e o sistema da alternância.

Para a coleta de dados, o instrumento escolhido foi o questionário com questões fechadas e abertas a fim de possibilitar aos alunos envolvidos a opção de responder e, quando necessário, acrescentar algo que considerassem pertinente para sua resposta, complementando alguns dados do próprio instrumento.

A investigação se desenvolveu com os alunos da 3ª série da Casa Familiar Rural, localizada no município de Coronel Vivida, Sudoeste do Estado do Paraná. A escolha desta escola para o desenvolvimento da pesquisa se deu pelo fato de ser a única Casa Familiar Rural situada no município de Coronel Vivida. Além disso, o processo de investigação realizado permite aperfeiçoar meus conhecimentos sobre o sistema da alternância e sobre a Casa Familiar Rural.

5- Resultados e Discussão

A realização desta pesquisa contou com a colaboração da Casa Familiar Rural de Coronel Vivida – PR. A mesma teve sua fundação no ano de 1994 e atualmente oferece o curso de nível médio de Técnico em Alimentos em sistema de alternância. Segundo informações obtidas pelos funcionários da Casa Familiar, atualmente são três turmas abertas com o número aproximado de cinquenta e oito alternantes matriculados, quatro técnicos e quatro coordenadores pedagógicos. A Casa funciona em regime de alternância semanal.

Para a realização da coleta de dados através de questionário aplicado aos jovens alternantes é importante salientar que não houve uma escolha prévia dos sujeitos, sendo realizada esta etapa da pesquisa de acordo com a disponibilidade dos mesmos.

O questionário foi entregue no dia dezessete de março de 2014 aos dezesseis alternantes da terceira série do ensino médio que estavam presentes nesta data, matriculados no curso de Técnico em Alimentos da terceira série. Os questionários entregues foram respondidos e devolvidos no mesmo dia.

A pergunta de número 1 quer saber o gênero dos alunos, ao que percebemos a preponderância dos jovens do sexo masculino com um total de doze alternantes, e as jovens um total de quatro. A pesquisa não se ateve sobre os motivos de os meninos serem a maioria no curso, por não ser este o objetivo do presente trabalho.

A questão de número 2 quer saber a idade dos jovens alternantes, sendo que a grande maioria está dentro da faixa etária, sendo oito com 16 anos e cinco com 17 anos. Dois estão com 18 anos, e um alterante não respondeu esta pergunta. As respostas nos mostram que apenas dois, destes alunos, estão fora da faixa etária para a 3ª série do ensino médio.

A pergunta de número 3 é sobre o local no qual os alternantes residem. Treze afirmaram morar no campo e três afirmaram morar na zona urbana do município, o que evidencia que a maioria dos jovens tem a possibilidade de aplicar e explorar seus conhecimentos, pois grande parte possuem sua propriedade no campo, e ali residem.

A pergunta de número 4 é sobre o local no qual os familiares dos jovens alternantes residem. As respostas foram concomitantes a questão três: treze moram no campo, e três na zona urbana.

A pergunta de número 5 procura identificar nas respostas dos alternantes o que significa para cada um o sistema da alternância, uma vez que esta é a pedagogia na qual estão inseridos a mais de dois anos letivos. A esta pergunta, sete jovens responderam de modo objetivo, mostrando que compreendem o sistema ao qual estão inseridos. A resposta do alterante aqui identificado como E, afirma que para ele, a pedagogia da alternância:

“É uma pedagogia em que o aluno fica uma semana na casa onde recebe uma folha com tarefas e um plano de estudo, e outra na escola com atividades normais do curso técnico”.
(Alterante E)

O alternante identificado como F respondeu:

“É um modo de você aprender na escola e aplicar o que aprendeu na propriedade”.
(Alterante F)

O alternante identificado como J respondeu:

“Ficar uma semana na escola aprendendo a teoria para depois ficar uma semana em casa *ponhando* tudo em prática”.
(Alternante J)

Os alternantes mostraram em suas respostas estar cientes de como funciona o sistema da pedagogia da alternância do ponto de vista técnico. Em poucas palavras expuseram o que esta significa para eles, usando sua própria experiência. Entretanto, pode ser percebida uma possível falta de aprofundamento no tema, ficando a potencialidade desta pedagogia restrita a um ir e vir entre a Casa Familiar, e a residência da família. Entre um aprender na teoria, e a aplicação na prática. Nas respostas desses jovens se percebe a falta do ver-se essencialmente como sujeito de seu aprendizado, posicionando-se de modo crítico diante das decisões que envolvam a sua vida quanto ao caráter profissional, econômico e de cidadania, fortalecendo assim, a identidade e autonomia das famílias do campo.

As respostas de alguns alunos apontam para um maior contato entre a escola, o aluno e a família. Respectivamente temos as afirmativas dos alternantes identificados como K, L, M, N e O:

“Uma forma de interagir a família e a escola e o bom conhecimento para nós”.
(Alterante K)

“Significa que é uma forma diferente, divertida, contagiante e simples de aprender e fazer amigos (família)”.
(Alternante L)

“É você estudar durante uma semana por exemplo, fazer aulas práticas e teóricas e levar o seu conhecimento para sua família e propriedade”.
(Alterante M)

“É um meio de responsabilidade. De saber mais e conversar mais com os pais”.
(Alternante N)

“É uma forma de estudo onde o aluno fica próximo da família e da escola”.
(Alterante O)

As afirmações acima demonstram uma pedagogia da alternância que envolve o alterante, a casa familiar e a família. Em suas respostas os jovens saem um pouco do caráter técnico demonstrando um maior envolvimento com este trabalho, consequência da percepção na necessidade de ter a família, (neste caso, os pais) envolvidos diretamente em seu aprendizado. Torna-se evidente que esta relação existe, e por grande parte dos jovens é nítida a necessidade desta coletividade. Ao contrário das respostas anteriores a essa, esses

alternantes demonstram perceber que não basta levar o conhecimento para a propriedade, mas também para os familiares que ali estão. Também citam a proximidade do aluno com a família e a casa familiar. No entanto, os jovens não citam a necessidade e importância da alternância no que se refere à formação integral, a orientação quanto a inserção sócio profissional e a contribuição que esta pedagogia do movimento oportuniza ou pode vir a oportunizar aos sujeitos a ela inseridos, o que envolve toda a comunidade, e não apenas alunos, familiares e os profissionais que trabalham neste meio. Percebe-se com isso, uma compreensão que tende ao artificialismo do processo da alternância, desconsiderando, ainda que inconscientemente o caráter orgânico e integrador do sistema de alternância.

A pergunta de número 6 quer saber se os jovens alternantes na realização das práticas nas propriedades rurais encontram dificuldades, ao que cinco afirmaram encontrar dificuldades, todos esses, residentes no campo. Dos onze alterantes que responderam não encontrar dificuldades, oito moram no campo e três na zona urbana.

Os alternantes que responderam afirmativamente a questão de número seis deveriam justificar sua resposta na pergunta de número 7. É importante lembrar que de acordo com as respostas do questionário aplicado, os três jovens residentes na zona urbana afirmaram não encontrar dificuldades para a prática de seus conhecimentos. Os dois, aqui identificados como I e A, escolheram por justificar suas negativas, respectivamente do seguinte modo: *“Não tenho propriedade, moro na cidade”* e *“Sinceramente não sei”*. Os cinco jovens que afirmaram encontrar dificuldade na realização das práticas na propriedade residem no campo. Desses cinco alternantes, dois citam a não identificação das ideias com a de seus pais:

“Em coisas como relacionamento com meus pais porque nós temos ideias muito diferentes”.
(Alterante K)

“As vezes as ideias não batem com as do meu pai”
(Alterante J)

Um justificou alertando para a falta de comprometimento dos pais e também para as dificuldades financeiras, encontradas neste percurso:

“As vezes o ‘financeiro’, o não comprometimento dos pais sobre o que nós propomos”.

(Alterante M)

A justificativa usada pelo alternante identificado como F é a falta de produtos:

“Algumas maneiras de se desenvolver o projeto como é explicado corretamente, ou por não ter o produto na propriedade”.

(Alterante F)

O alternante P usou como justificativa apenas o fato de não praticar o que é visto, sem maiores explicações:

“Pois algumas coisas eu não ponho em prática, não trabalhamos com algumas práticas”.

(Alternante P)

As respostas para a sétima pergunta leva a compreensão de que há a necessidade de um maior envolvimento dos familiares no processo da alternância. Talvez seja importante reforçar as famílias e aos próprios alterantes a necessidade da prática na propriedade e a importância quando na concretização deste processo não apenas para a efetivação do aprendizado do alternante, mas também para a melhoria da propriedade familiar e para a integração do jovem com a própria comunidade da qual faz parte. É importante que seja lembrada a sua influência neste meio salientando os motivos pelos quais essa pedagogia de movimento foi criada, permanecendo até o presente momento. Isso sugere a possível necessidade de um repensar no currículo dos cursos técnicos aplicados nas Casas Familiares Rurais, ressaltando a história da pedagogia da alternância e os motivos pelos quais ela foi desenvolvida. Percebe-se com as respostas da questão oito uma dificuldade de prática por falta de conhecimento e também de condições financeiras para efetivar as ideias que se trabalham durante as aulas na Casa Familiar. Se este for realmente um empecilho, também deve ser revisto ou dadas outras alternativas para que o aluno desenvolva um plano que lhe seja possível de praticar. Outra necessidade, e talvez a maior de todas, é a consciência social dos alterantes e de suas famílias. Esclarecer o papel destes diante de si e da comunidade, e da autonomia que devem desenvolver ao longo do curso para se tornarem pessoas capazes de realizar um trabalho que os valorize enquanto pessoas do campo. Em nenhum momento as respostas dos alterantes afirmaram que isso tudo já não é feito, entretanto, o que se sugere aqui, é a intensificação deste trabalho, de modo a que os alterantes se percebam

como seres orgânicos, que precisam lutar contra uma política por vezes excludente que promove a unilateralidade e divisão, se desenvolvendo integralmente, onde a escola não prepara para a vida, antes, está conectada a vida.

A oitava questão é sobre onde os jovens alterantes realizam a prática das aulas vistas na Casa Familiar Rural. Doze alterantes residentes no campo afirmaram realizar a prática em casa, na residência da família. Um alternante que vive no campo afirmou realizar as práticas na zona rural, na propriedade de conhecidos.

Já os alternantes que residem na zona urbana tiveram respostas diferentes. O jovem alternante identificado como A assinalou a opção “outros” e justificou do seguinte modo: “*Tenho propriedade rural*”; o alternante I assinalou a alternativa b: “Na casa de parentes, na zona rural”; e um terceiro identificado como L assinalou a alternativa a “Em casa, na residência da família”, entretanto, ele não afirmou em suas outras respostas que a família possui propriedade no campo, o que nos dá a entender que ele procura realizar sua prática em sua casa, localizada na zona urbana. De modo geral as respostas dos alternantes da 3ª série do ensino médio nos leva a entender que a grande maioria tem garantida a realização das práticas. Até mesmo os alternantes que vivem na zona urbana com exceção de um especificaram fazer suas práticas em casa de conhecidos e em sua própria propriedade, no campo. De modo resumido, a questão de número oito contou com treze respostas “Em casa, na residência da família”, uma resposta “Na casa de parentes, na zona rural”, uma resposta “Na zona rural, na propriedade de conhecidos” e uma resposta “Outros”, justificada pelo fato de o alterante viver no campo, mas possuir propriedade no campo.

Para a questão de número 9, que pergunta se estudar na Casa Familiar Rural tem feito alguma diferença na vida do alternante, todos os dezesseis responderam afirmativamente, mostrando satisfação com a metodologia da alternância, indicando um bom convívio na Casa Familiar.

A questão 10 quer saber na opinião dos alternantes em que a Casa Familiar Rural tem contribuído na sua vida. A esta pergunta resultou a seguinte tabela:

	Atrapalhou	Não interferiu	Ajudou
a. Ter mais diálogo na vida familiar		1	15
b. Saber conviver em grupo			16
c. Conseguir trabalho		7	9
d. Melhorar a prática na propriedade da família			16
e. Desenvolver um projeto profissional		1	15
f. Conciliar estudo e trabalho	1	5	10
g. Continuar morando com a família		6	10
h. Obter renda		8	8
i. Outros		3	3

Como podemos observar na tabela, para a alternativa A, dos dezesseis alternantes apenas um respondeu que a Casa Familiar Rural não tem interferido no quesito “ter mais diálogo na vida familiar”. Na letra B, todos concordam que a mesma contribui para que eles saibam conviver em grupo. Na alternativa C nove acreditam que a Casa contribuiu para que eles conseguissem trabalho, e sete marcaram a opção “não interferiu”. Resumidamente, todas as respostas com exceção de uma: “conciliar estudo e trabalho” que acredita ter atrapalhado, resumiram-se a “ajudou” e “não interferiu”. Os alternantes que marcaram a opção “outros” não justificaram o que seria. Algumas respostas tiveram grande concordância por parte dos alternantes, “ter mais diálogo na vida familiar”, “saber conviver em grupo”, “melhorar a prática na propriedade da família”, “desenvolver um projeto profissional” e “continuar morando com a família” receberam a classificação de “ajudou” por parte da maioria. Isso é um modo de observar que a pedagogia da alternância na Casa Familiar Rural está tendo um resultado positivo. Chama atenção para o fato de oito alterantes indicarem com suas respostas que a Casa Familiar ajudou para que eles continuassem morando com suas famílias. As outras respostas tiveram um número aproximado de marcações, sendo divididas entre “ajudou” e “não interferiu”, são elas: “conseguir trabalho”, “conciliar estudo e trabalho”, lembrando que esta, teve uma marcação no critério “atrapalhou”, “obter renda” e “outros”.

A pergunta 11 quer saber quais as perspectivas dos alternantes em relação ao futuro. Quatro marcaram a alternativa A “Permanecer e trabalhar na propriedade”. Outros quatro optaram pela alternativa B “Morar na propriedade rural, mas trabalhar na zona urbana”, um alterante marcou a alternativa C “Morar e trabalhar na zona urbana”, dois alternantes (um residente no campo e outro na zona urbana) marcaram a opção D “Morar na zona urbana, mas trabalhar na

agricultura. A alternativa E foi marcada por quatro alternantes, sendo dois residentes na zona urbana “Fazer faculdade e viver na zona urbana”, a alternativa F foi marcada por um alternante “Ir embora para outra cidade”, e a opção G “outro” foi marcada também por um único alterante e justificada do seguinte modo “*Fazer faculdade, mas sempre ajudar meu pai*”. A questão 11 aponta para um baixo índice de alternantes que pretendem continuar no campo e ali trabalhar, apenas quatro jovens dentre os dezesseis demonstraram interesse nisso. Portanto, se fizermos um comparativo das respostas da questão 11 com as respostas da questão 10, perceberemos, que embora dez alterantes tenham afirmado que a Casa Familiar Rural lhes oportunizou continuar morando com suas famílias, esta, é uma condição momentânea, e que assim que terminarem o ensino médio, ou tão logo lhes apareçam condições os mesmos irão embora das propriedades do campo, se estabelecendo na zona urbana, abandonando com isso o projeto de vida desenvolvido durante seus anos como aluno alternante da Casa Familiar Rural.

A questão de número 12 consiste em saber se o alterante gostaria de acrescentar mais alguma informação que julgasse relevante, ao que dez responderam que não, quatro deixaram em branco, e dois acrescentaram:

“Talvez após formada, realizar meu sonho de ter uma propriedade”.
(Alternante L)

“A forma em que convivemos com os professores, são como pais na vida da gente”.
(Alternante A)

São duas respostas positivas em relação ao sistema da alternância, seja no desejo do alternante L em conquistar sua própria propriedade no campo, seja no comentário do alternante A sobre o bom relacionamento entre os jovens e os professores.

6- Considerações Finais

A intenção ao dar início a esta pesquisa foi a de analisar o perfil do jovem alternante, aluno da terceira série do ensino médio no curso de Técnico em Alimentos na Casa Familiar Rural de Coronel Vivida – PR, bem como de constatar se os alternantes encontram dificuldades nesta prática do sistema da alternância.

O resultado da pesquisa permite afirmar que, no contexto investigado, a grande maioria dos alternantes matriculados vive no campo com seus familiares e desenvolve seu projeto profissional na residência da família. Dos três alternantes que moram na zona urbana, dois tem garantida a aplicabilidade dos ensinamentos adquiridos na Casa Familiar, seja na casa de parentes que vivem no campo, seja em residência própria situada no campo. Os alunos afirmaram em suas respostas conhecer o que é a pedagogia da alternância escrevendo ser este um sistema em que o aluno fica uma semana na Casa Familiar e uma semana com a família, no campo. Entretanto, isso não pode ser generalizado, pois as respostas indicam uma compreensão superficial do que é a pedagogia da alternância. Nenhum aluno se referiu a alternância como sendo um caminho para que o aluno desfrutasse de uma maior independência na sua prática de ensino, também não citaram o caráter solidário a que a pedagogia da alternância se dispõe, na qual o alternante desenvolve uma prática integral, que alcança familiares, se abrangendo até a comunidade na qual ele vive. As respostas dos alternantes explicitam um saber técnico, mas não revelam o conhecimento político, no qual está envolto o sistema da alternância. Esta é uma possível questão para ser desenvolvida em outras pesquisas.

Na análise dos dados, pode-se observar também que, para alguns é nítida a necessidade do envolvimento dos familiares (sobretudo dos pais) na prática da pedagogia da alternância. Entretanto, a questão de número sete aponta a dificuldade no relacionamento com os pais como sendo um dos problemas encontrados por eles na prática dos conhecimentos adquiridos na Casa Familiar Rural, o que nos sugere a necessidade de uma pesquisa no sentido de analisar o envolvimento dos familiares dos alternantes na aplicabilidade dos conhecimentos na propriedade.

As dificuldades encontradas pelos alternantes podem ser resumidas na não identificação de ideias com seus pais, o fator financeiro e a falta de produtos. É importante salientar que um alterante que reside na zona urbana não observa o fato de não aplicar o que aprende na Casa Familiar como sendo uma dificuldade. Portanto, é válido refletir sobre o que alguns alternantes entendem por dificuldades, e como eles concebem esse processo de alternância, tendo em vista a sua responsabilidade neste processo.

Também foi possível observar por meio das respostas dadas, que a maioria dos alternantes compreende que a Casa Familiar ajudou no desenvolvimento do diálogo familiar, no saber conviver em grupo, na melhoria do trabalho praticado na propriedade familiar e no desenvolvimento de um projeto profissional.

Outro fator que chama a atenção nas respostas fornecidas pelos alternantes é de que a maioria desses jovens não pretende permanecer no campo. Dos dezesseis que participaram da pesquisa apenas quatro possuem planos de morar e trabalhar na propriedade, outros quatro pretendem morar no campo, mas trabalhar na zona urbana. Dois pretendem morar na zona urbana e trabalhar no campo, outros quatro pretendem fazer faculdade e morar na zona urbana. Tivemos ainda uma opção que é a de ir embora para outra cidade, e outra ainda, que é *“fazer faculdade, mas sempre ajudar meu pai”*.

Isto demonstra a necessidade de se realizar uma pesquisa mais ampla no sentido de compreender, por exemplo, os motivos de muitos destes alternantes não pretenderem permanecer no campo. Eles afirmam que a Casa Familiar Rural os ajudou em muitos quesitos, inclusive no de permanecer morando com suas famílias no campo, no entanto, quando os mesmos expõem seus planos para um futuro próximo, mostram o desejo de sair do campo. É necessário investigar se essa é uma situação incentivada por questões econômicas e geográficas, políticas e sociais, e se a possibilidade de os alternantes não conhecer profundamente o que é a pedagogia da alternância tem contribuído para isso.

Considerando o exposto, pode-se afirmar que ainda serão necessárias muitas reflexões e estudos a respeito do sistema da alternância e da Casa Familiar Rural. O que obtivemos aqui é apenas uma leve compreensão, resultado de um breve estudo o qual se dispôs a observar o perfil destes alternantes, ao que foi identificado serem estes em sua grande maioria moradores do campo, e observar as possíveis dificuldades encontradas por eles enquanto alunos alternantes. Esta pesquisa demonstrou sua utilidade à medida que outras perguntas foram se formando ao longo do trabalho.

Nessa perspectiva, considero que não basta manter a prática do sistema da alternância nas Casas Familiares Rurais, é necessário também, expor de modo contínuo e aprofundado sobre o que é a pedagogia da alternância no sentido social e político. A presente pesquisa demonstra a boa impressão que os

alternantes tem sobre a Casa Familiar Rural e sobre o bom relacionamento entre os jovens, funcionários e professores da Casa. Porém, o trabalho também aponta para a necessidade de outras pesquisas, por exemplo: como tem sido exposto para os alternantes e seus familiares o sistema da alternância; sobre como tem sido a prática desses alternantes que vivem na zona urbana e não possuem propriedade no campo; sobre os motivos de em sua grande maioria os alternantes desejarem sair do campo, mesmo tendo frequentado durante alguns anos uma pedagogia que possui em sua teoria o caráter de formar integralmente estes jovens, os inspirando para a cultura local, para a consciência política e o bem estar coletivo.

A efetivação desta pesquisa favoreceu uma maior compreensão sobre a Casa Familiar Rural do município de Coronel Vivida – PR e sobre o jovem envolvido no sistema da alternância, assim como possibilitou questionamentos sobre os motivos que levaram a determinadas respostas dos alternantes no questionário aplicado.

A consciência em relação à pedagogia da alternância será possível diante de mudanças conceituais representativas, mediante uma prática que adota interações que compreendam o aluno do campo como sujeito de seu aprendizado, posicionando-se criticamente e ativamente diante das decisões que envolvam sua vida quanto ao caráter profissional, econômico e de cidadania, fortalecendo deste modo a identidade e autonomia das famílias do campo, valorizando sua cultura, o local onde vivem e mostrando a necessidade dessas pessoas no campo, em favor de um município, Estado e país mais justo, no qual as pessoas não precisam negar sua cultura para buscar mais e melhores oportunidades.

7 – Referências Teóricas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

BARROS, A. de J. P. de; LEHFELD, N. A. de S. **Projeto de pesquisa**: Propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 2000. 102 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 57 p. Disponível em: <http://letras2010.webnode.com.pt/products/como-elaborar-projetos-de-pesquisa-antonio-carlos-gil/> >. Acesso em: 18 ago. 2012.

ARROYO, Miguel Gonzalez. et all. **Por uma educação do campo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 214 p.

BERNARTT, Maria de Lourdes; GNOATTO, Almir. **Pedagogia da Alternância: Uma proposta de educação e desenvolvimento no campo**. In: XLIV CONGRESSO DA SOBER - Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento, 2006, Fortaleza. Anais XLIV Congresso da SOBER, 2006. v. Único. Fortaleza: SOBER/BNB, 2006. v. 1.

CALDART, Roseli Salete. **A escola do campo em movimento**. Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, p.60-81, Jan/Jun 2003. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli2.pdf> Acesso em 01 de out. 2013

FACHIN, Odília. **Fundamentos da metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2005. 200 p.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares e Formação Rural, 2007.

GNOATTO, Almir Antônio. et all. **Pedagogia da alternância: uma proposta de desenvolvimento e educação no campo**. Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Fortaleza, 2006. 20 p. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/941.pdf>. Acesso em 28 set. 2013.

MARIRRODRIGA, Roberto Garcia; CALVÓ, Pedro Puig. **Formación em alternancia y desarrollo local: el movimiento educativo de los CEFFA em el mundo**. Argentina: Colección AIDEFA, 2007.

PAGNONCELLI, Andrei; BERNARTT, Maria De Lourdes. **A contribuição da Pedagogia da Alternância no desenvolvimento sustentável da agricultura familiar na região Sudoeste do Paraná**. XIV SICITE – UTFPR, V. 1, Seção Ciências Humanas. 2009. Disponível em: http://216.59.16.221/hvip/nacamura.com.br/sicite/sicite2009/artigos_sicite2009/426.pdf

NASCIMENTO, C. G. **Gestão democrática e participativa na pedagogia da alternância: a experiência da Escola Família Agrícola (EFA) de Goiás**. Salvador, n.15, p. 163-178, jan./jul. 2009.

SAVIANI, D; DUARTE, N. **Pedagogia histórico – crítica e luta de classes na educação escolar**. São Paulo: Autores Associados, 2012. 184 p.

TEIXEIRA, Edival Sebastião; ANTUNES, Leticia Cristina. **Casas familiares rurais e desempenho escolar: um estudo na região sudoeste do Paraná**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 11, n. 34, p. 951-969, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww2.pucpr.br%2Frevol%2Findex.php%2Fdialogo%3Fdd99%3Dpdf%26dd1%3D5673&ei=375MUuaJKouK9gSswlCIBA&usq=AFQj>

[CNGNe7X3SaUisousi2vl2vXO2nakyA&bvm=bv.53371865,d.eWU](#) Acesso em: 01 out de 2013

TEIXEIRA, Edival Sebastião. et all. **Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil**: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.2, p. 227-242, maio/ago. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022008000200002. Acesso em: 20 jul. 2013.

TRINDADE, Glademir Alves. **O trabalho e a pedagogia da alternância na casa familiar de Pato Branco – PR**. 2010. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

Vendramini, Celia Regina; Machado, Ilma Ferreira (orgs). **Escola e movimento social**: experiências em curso no campo brasileiro. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 216 p.

Arcafar/Sul. Disponível em: <http://www.arcafarsul.org.br/novo/?content=conteudos&id=3>>. Acesso em 08 jun. 2012

CALDART, R. S. **Concepção de Educação do Campo**. Cadernos da FAMPER: Instrumento para publicações de interesse da comunidade em regional. 2009, Ampére – PR. Número I, Ano I, V. I. 66 p. Disponível em: http://famper.com.br/download/cadernos_publicacoes.pdf>. Acesso em 27 fev. 2014.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 93.34/96. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em 08 jun. 2012.